

BRASÍLIA, DF, 26 DE MAIO DE 2002

Meus amigos e amigas, aqui presentes,

Quando estava na política ativa, eleitoral, eu tinha uma regra que me deixava sempre preocupado e fui ficando crescentemente preocupado com ela: de que o mais, não sei se o mais importante, mas o de maior experiência, o que estava ambicionando o cargo mais alto, falava no fim. E quanto mais subia na carreira política, mais não tinha o que dizer, porque todos tinham dito antes o que eu tinha que dizer. Agora, que sou Presidente, é a mesma coisa.

Mas aqui é um lado bom, porque, na verdade, todos estamos falando a mesma linguagem, como se estivéssemos no mesmo partido, que é o partido do desenvolvimento, da integração, dando melhor condição de vida aos povos, concórdia, democracia e liberdade. E essas palavras são ditas com sotaque diferente, um pouco mais portunhol, um pouco mais português, mas são ditas do mesmo modo.

Estamos vivendo um momento em que, pelo menos, nesse ângulo há um grande progresso na nossa região, que foi a capacidade que

tivemos todos nós de produzir um certo consenso com relação a questões fundamentais.

Mais ainda: a despeito de todas as dificuldades, algumas das quais o Doutor Enrique Iglesias assinalou, nós aqui vivemos na região em clima de liberdade. Pode haver algum problema, e há, econômico, algum problema político, às vezes, situações difíceis, mas não se compara com os anos que vivemos, sobretudo nos anos 60, 70 e até parte dos anos 80, na região. Naquela época, não havia aquilo que é o pressuposto da possibilidade de uma institucionalização da democracia, que é a liberdade.

O grau de institucionalização democrática é variável. A capacidade que as instituições democráticas têm tido para lidar com os problemas da sociedade, sobretudo com os desafios da pobreza, também é variável, de país a país. Mas é inegável que existe, hoje, um consenso de que o pressuposto e o objetivo da liberdade são o fortalecimento da democracia. Mais ainda, hoje, contando na atualidade, se reúnem Ministros do Transporte, se reúnem organizações regionais e funcionários de Governos, aceitando, já, sem nenhuma dificuldade, que nós temos que ampliar a nossa integração física.

Pois bem, isso não era tão simples assim, no passado. O Doutor Iglesias acabou de mencionar uma obra importante, nós a chamamos, aqui, de rodovia do Mercosul – que vai ligar de Belo Horizonte, aqui no centro do Brasil, no futuro, até, realmente, Buenos Aires. Hoje, nós estamos indo para Osório. Se forem visitar essa região, ela não tinha estradas nem pontes, porque havia o temor de um conflito. Isso pode parecer, hoje, ridículo, mas assim era. As estradas não eram pavimentadas, e os rios que fazem as fronteiras não tinham pontes ou muito poucas pontes. Hoje, é um tal de pedir ponte ao Governo Federal que ninguém agüenta mais. Todo mundo quer transpor o rio para chegar ao outro país, ao país vizinho, a um país irmão, e estamos numa busca de integração física. Isso é um progresso imenso.

E não é só no Sul. Se forem ao Norte do Brasil, com a Venezuela, por exemplo, foi preciso muito empenho, financeiro também, para que pudessemos fazer uma estrada que hoje liga Manaus a Caracas, passando

por Caracarái, passando por Boa Vista, Santa Elena do Uairen e chegando a Caracas. Isso muda muito a relação com a Venezuela.

Agora, estamos fazendo estradas para ligar tudo o que nós chamamos de Arco Norte, de tal maneira que as Guianas, também, se integrem nesse mesmo processo.

Acabamos de ver uma notícia, aqui, muito auspiciosa: de que na Bolívia, também, haverá essa estrada, que é fundamental para a integração do centro do Brasil com a Bolívia e daí para o Oceano Pacífico. Se se vai ao Acre, que é um estado no Noroeste do Brasil, a ânsia por estrada é crescente. Estamos construindo, também, estradas que vão chegar até a fronteira com o Peru, e por aí vai.

Enfim, isso é um movimento geral. Isso significa decisões políticas e, mais que decisões políticas, houve a consciência da sociedade avançando na direção de entender que a região para nós é um espaço de todos, um espaço de paz que deve ser para a prosperidade de todos.

E no Brasil, no passado, as decisões sobre o investimento nas áreas pesadas, de infra-estrutura, eram pensadas como se a economia brasileira fosse ser sempre uma economia autárquica. Bem, isso começou a mudar com Itaipu, que é a ligação energética do Brasil com o Paraguai. Temos, agora, o gasoduto Brasil–Bolívia, agora o gasoduto da Argentina para cá. Energia que vem da Venezuela, de Guri para Roraima, no Norte do Brasil, e assim vai. E temos a idéia de que nós podemos ter complementaridade em matérias essenciais, sem a preocupação da antiga geopolítica de que era preciso ver o País como fortaleza. Hoje, não só não se vê mais isso, senão que ela toda – já o disse o Doutor Iglesias – não é para ser fortaleza também, não é para separar do resto do mundo, é para aumentar as oportunidades de intercâmbio entre nós, facilitar também as nossas relações com os outros blocos internacionais.

Houve, portanto, uma mudança muito forte na visão que se tem da economia, da sociedade, dos países vizinhos, do papel da integração regional. E essa idéia de integração regional teve muita força, no que diz respeito à integração física e também mesmo na integração comercial. Talvez seja mais fácil o acerto, no que diz respeito à integração física – estradas, oleodutos, ou o que seja – do que os tratados comerciais que

são tão complexos, embora isso seja muito importante. Nós devíamos nos empenhar para avançar mais na relação do Mercosul com o Mercado Andino, na integração de todo o comércio, de toda a região, com o México, também, com a América Central. Quanto mais depressa andarmos nesses acordos – boa parte da manhã de hoje passei com o Ministro de Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior e conversamos sobre essas questões: sobre como acelerar o nosso entendimento comercial a despeito dos ziguezagues que a política internacional tem trazido para esse tipo de articulação. Isso é importante enquanto não se consegue avançar no conjunto do planeta. Essa mudança foi muito significativa.

Essas duas vertentes – a da liberdade com a democracia e a idéia de que temos uma perspectiva de integração – são motivadoras para nossas ações, como já disseram aqui todos que me antecederam: o Presidente da CAF, do Fonplata, do BID e o Ministro do Planejamento do Brasil, no mesmo diapasão. Houve uma mudança muito grande também no que diz respeito à própria noção do que se faz em termos de desenvolvimento econômico.

No passado, a teoria era de concentração e de pólos de desenvolvimento. Hoje, são eixos de integração e uma visão diferente. E esta visão diferente, no caso do Brasil, se deve à inspiração do Doutor Eliezer Batista. Quando foi Secretário de Assuntos Estratégicos, definiu um modo de integração, aliás não só do Brasil, mas da América do Sul, em termos de eixos. Essa experiência, nós, aqui, no Brasil, levamos adiante, acho que com sucesso, através da ação do Ministério do Planejamento e, muito especialmente, do Doutor Silveira, que está aqui presente, que é o Secretário dessa matéria, o Ministro Martus, agora o Ministro Guilherme Dias e, antes deles, os Ministros que ocuparam a Pasta.

Essa visão implica que temos que ver as sinergias geradas por modificações econômicas que se dão ao longo de um eixo. E, agora, essa mesma modalidade de atuação está sendo generalizada. Quantas vezes eu próprio falei com o Presidente da Argentina e com o Presidente da Venezuela, com o Presidente do Chile, da Bolívia, sobre a importância de termos essa visão integradora, a partir de eixos que permitam, efeti-

vamente, essa interconexão e uma multiplicação muito mais rápida dos efeitos de uma intervenção econômica. Ao invés de concentrar – não é que se disperse –, é que se organize ao redor de um eixo essa idéia que está por trás de todo esse projeto que estamos discutindo aqui.

Foi com esse propósito que já no primeiro encontro que tivemos aqui, em Brasília, em agosto de 2000, nós convidamos os Presidentes da América do Sul a se reunirem, com a idéia de que apresentássemos um desafio, que o BID aceitou, que a CAF e o Fonplata aceitaram, no sentido de repensarmos essa integração física da região. Houve até certa incompreensão. Por que só os da América do Sul? Por uma razão simples: porque são contíguos, não por outra razão. Certamente nós estamos de acordo com um eixo que vai pela América toda, que vai na mesma direção, que depois vai se entroncar. Mas, em termos dos nossos países dessa região, América do Sul.

Agora, na reunião de Guaiquil que teremos no final de julho, é preciso que essa idéia seja mais madura, para que possamos avançar. Obviamente, não basta ter idéia, é preciso ter capacidade de transformar a idéia em projeto e arranjar recursos para que esses projetos funcionem e mecanismos institucionais – estamos formando – para que haja essa efetiva integração no processo de implementação desses projetos.

Recentemente estive em Madri, o Doutor Iglesias estava lá também, e assistiu, nós havíamos conversado – alguns dos Presidentes do Mercosul, na verdade – conversamos antes, num jantar, e o Presidente Battle, do Uruguai, fez uma proposta, que apoiei imediatamente, que era exatamente de buscar recursos na Europa para que os fundos existentes aqui, já mencionados, possam carrear o que for necessário para que os projetos de infra-estrutura avancem.

Talvez seja mais fácil, hoje, buscar recursos de infra-estrutura do que qualquer outro tipo de atividade. Isso foi mencionado a todos os Presidentes da União Européia e da América do Sul, na reunião privada que nós tivemos lá, no almoço, de que o Doutor Iglesias participou. A idéia do Presidente Battle tem todo sentido, toda razão, por ser mais fácil hoje entrar em acordos de infra-estrutura do que em negociações comerciais, que são muito mais complicadas, delicadas, etc. E os acor-

dos de infra-estrutura têm, talvez, uma facilidade maior de alcançar um certo consenso.

Os projetos definidos, que são muitos, já orçam mais ou menos 41 bilhões de dólares. Ora, 41 bilhões de dólares são uma soma expressiva. Vejo o Presidente do BNDES que está aqui me ouvindo e ele vai achar que é muito, mesmo para ele que é rico, mesmo juntando os mais ricos ainda, que estão aqui a meu lado, os Henriques – o nome já diz –, mesmo juntando todos, evidentemente vamos precisar de outros recursos, recursos privados, recursos de outras formas de financiamento. E, eventualmente, a Europa podia se juntar nesse esforço.

Mas acredito que, com isso tudo, o que estamos assistindo aqui, neste momento, é, como disse o Doutor Iglesias, a um momento delicado do ponto de vista internacional, porque há uma certa prevalência de tendências protecionistas aqui e ali, e nós devemos responder a essas tendências protecionistas com uma intensificação na inter-relação na nossa própria região, tanto no que diz respeito ao comércio, como, sobretudo, no que diz respeito a essa visão conjunta e integradora.

Nos momentos de dificuldades, em vez de ficarmos sempre olhando as dificuldades, devemos nos programar para alguma coisa mais forte, dar um salto para frente e não para trás.

Então, o momento é bem-vindo para reagirmos a essas incertezas, que são inegáveis no panorama mundial, com ações muito concretas, o que depende, basicamente, de nós próprios. Embora as fontes de financiamento aqui mencionadas talvez não sejam suficientes para tanto, já são uma base razoável para que possamos buscar, depois, recursos maiores no setor privado internacional e possamos, efetivamente, avançar na direção do que desejamos.

Creio que era isso que eu queria simplesmente reafirmar e que foi dito pelos que me antecederam. Uma vez mais, agradeço a presença de tantas pessoas de tantos setores públicos e privados, aqui, e de tantos países também. Devo dizer que, no que concerne ao Governo do Brasil, tudo que for possível fazer para que esses objetivos sejam alcançados, nós faremos. Sabemos da importância de dar um apoio efetivo a esse tipo de trabalho. Estou muito confiante de que as dificuldades existen-

tes aqui e ali na região serão superadas, mesmo nos países que hoje enfrentam problemas mais agudos.

Temos condições de avançar, porque hoje temos consciência da necessidade de avançar e porque – termino como comecei – temos essa noção de que é preciso manter, de toda maneira, a democracia e a liberdade. Hoje mesmo, na Colômbia, há eleições. Daqui a pouco, haverá na Bolívia. Em outubro, aqui, no Brasil. E, quase que independentemente dos resultados, a força motivadora dos grandes ideais integradores é tão grande que vamos conseguir avançar com firmeza no bom caminho.

Dito isso, agradeço, mais uma vez, a presença de todos e, se me permitem, convido-os a um coquetel, que será pago pelo BID...